

Maria Júlia Arrais

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano VI — Número 66

Junho de 1968

CONSELHOS

Se VOCÊ...

Se sente impaciente, pense e converse com Job...

É obstinado, irascível, vá ao encontro de Moisés...

Gosta de política, leia Daniel...

É mesquinho, egocêntrico, lembre-se de José...

Se sente apático, frio, indiferente, vá ter com João e
conheça o que é o amor...

Se estiver tornando negligente, estude Neemias...

Perdeu a fé, recorde Abraão...

Se encontra sem visão do futuro, abra o Apocalipse e
vislumbre a terra prometida.

The Dean's Window

Cristo - O Centro da Mensagem

por E. G. White

Por muitos que se têm empenhado na obra para este tempo, Cristo tem sido feito secundário, e tem sido dado o primeiro lugar a teorias e argumentos. Parece que tem havido um véu diante dos olhos de muitos que têm trabalhado na causa, de modo que, ao apresentarem a lei, não têm tido uma visão de Jesus e não têm proclamado o facto de que, onde o pecado abundou, superabundou a graça. É junto à cruz do Calvário que a misericórdia e a verdade se encontram, que a justiça e a paz se beijam. O pecador tem de sempre olhar ao Calvário; e com a fé simples de uma criancinha, tem de descansar nos méritos de Cristo, aceitando Sua justiça e crendo em Sua misericórdia. Os obreiros na causa da verdade devem apresentar a justiça de Cristo, não como luz nova, mas como uma luz preciosa que por algum tempo o povo perdeu de vista.

Devemos aceitar a Cristo como nosso Salvador pessoal, e Ele nos imputa a justiça de Deus em Cristo. Repitamos e tornemos preeminente a verdade descrita por João: «Nisto está a caridade, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que Ele nos amou a nós, e enviou Seu Filho para propiciação pelos nossos pecados». 1 João 4:10.

No amor de Deus abriu-se o mais maravilhoso veio de preciosa verdade, e os tesouros da graça de Cristo apresentam-se abertos perante a igreja e o mundo. «Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigénito». João 3:16. Que amor é este — que maravilhoso, insondável amor — que levou Cristo a morrer por nós quando éramos ainda pecadores! Que perda sofre a alma que, compreendendo as fortes exigências da lei, todavia deixa de compreender a superabundante graça de Cristo! É certo que a lei de Deus revela o Seu amor, quando é pregada como verdade em Jesus; pois em cada sermão deve o pregador insistir no dom de Cristo por este mundo culpado. Não admira que corações não se tenham enternecido com a verdade, se foi apresentada de modo frio e destituído de vida. Não admira que a fé tenha duvidado das promessas de Deus, se ministros e

obreiros têm deixado de apresentar a Jesus em Sua relação com a lei de Deus. Quantas vezes deviam eles ter assegurado ao povo que «Aquele que nem mesmo a Seu próprio Filho poupou, antes O entregou por todos nós, como nos não dará também com Ele todas as coisas?» Rom. 8:32.

Satanás está resolvido a não permitir que os homens vejam o amor de Deus, que O levou a dar Seu Filho unigénito para salvar a raça perdida; pois é a bondade de Deus que leva os homens ao arrependimento. Oh, como havemos de ter êxito em apresentar ao mundo o profundo e precioso amor de Deus? De nenhum outro modo o podemos abarcar, senão exclamando: «Vede quão grande caridade nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus!» 1 João 3:1. Digamos aos pecadores: «Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo». João 1:29. Apresentando a Jesus como Representante do Pai, seremos capazes de dissipar a sombra que Satanás lançou sobre o nosso caminho, para não vermos a misericórdia e amor do inexprimível amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo.

Olhai para a Cruz do Calvário. É um permanente penhor do amor ilimitado, da incomensurável misericórdia do Pai celestial. Oh, que todos se arrependessem e fizessem as primeiras obras! Quando as igrejas isto fizerem, amarão a Deus supremamente e ao próximo como a si mesmas. Efraim não invejará a Judá, e Judá não molestará a Efraim. Serão então sanadas as divisões, não mais se ouvirão nas fronteiras de Israel os sons ásperos da contenda. Pela graça concedida livremente por Deus, todos procurarão atender à oração de Cristo, de que Seus discípulos sejam um, como Ele e o Pai são um. Paz, amor, misericórdia e benevolência serão os permanentes princípios da alma. O amor de Cristo será o tema de todos os lábios, e não mais dirá a Testemunha Fiel: «Tenho, porém, contra ti que deixaste a tua primeira caridade». Apoc. 2:4. O povo de Deus permanecerá em Cristo, revelar-se-á o amor de Jesus, e um só espírito animará todos os corações, regene-

rando e renovando a todos na imagem de Cristo, moldando uniformemente todos os corações. Como varas vivas da Videira Verdadeira, todos serão unidos em Cristo, a cabeça viva. Cristo habitará em todos os corações, guiando, confortando, santificando, e apresentando ao mundo a unidade dos seguidores de Jesus, dando assim testemunho de que as credenciais celestiais são supridas à igreja remanescente. Na unidade da igreja de Cristo ficará provado que Deus enviou ao mundo Seu Filho unigénito.

Quando o povo de Deus é um, na união do Espírito, todo o fariseísmo, toda a justiça própria, que foram o pecado da nação judaica, serão expelidos de todos os corações. O molde de Cristo estará sobre cada membro do Seu corpo, e Seus filhos serão novos odres, nos quais Ele pode derramar Seu vinho novo, e este não os romperá. Deus revelará o mistério oculto desde todos os séculos. Ele revelará quais são «as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, esperança da glória». Col. 1:27.

Jesus veio para comunicar à alma o Espírito Santo, pelo qual o amor de Deus é derramado no coração; mas é impossível dotar do Espírito Santo os homens aferrados a suas ideias, cujas doutrinas são todas estereotipadas e imutáveis que andam segundo as tradições e mandamentos humanos, como se deu com os judeus nos tempos de Cristo.

Uma religião legalista tem sido considerada uma forma correcta de religião para este tempo. Mas é engano. A repreensão de Jesus aos fariseus é aplicável aos que perderam do coração o primeiro amor. Uma religião fria, legalística, jamais pode levar almas a Cristo; pois é destituída de amor, é religião sem Cristo. Quando o jejuar e orar é praticado num espírito de justificação própria, é abominável a Deus. A solene assembleia de culto, a rotina de cerimónias religiosas, a humilhação exterior, o sacrificio imposto — tudo proclama ao mundo o testemunho de que o praticante dessas coisas se considera justo. Estas coisas chamam a atenção para o observador de deveres rigorosos, dizendo: Este homem tem direito ao Céu. Mas tudo é engano. As obras não nos comprarão a entrada no Céu. A grande Oferta que foi feita é ampla para todos os que crêem. O amor de Cristo animará o crente com

nova vida. Aquele que sorve da água da fonte da vida, será farto com o novo vinho do reino. A fé em Cristo será o meio pelo qual espírito e motivo rectos actuarão no crente, e toda a bondade e espiritualidade procederá daquele que olha para Jesus, autor e consumidor de sua fé. Olhai para Deus, e não para os homens. Deus é vosso Pai celestial, disposto a suportar pacientemente vossas fraquezas, a perdoá-las e saná-las. «A vida eterna é esta: que Te conheçam a Ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste». João 17:3. Contemplando a Cristo, tornar-vos-eis transformados, até ao ponto de odiardes vosso orgulho anterior, vossa anterior vaidade e estima própria, vossa justiça própria e incredulidade. Lançareis para o lado esses pecados, como cargas inúteis, e andareis humilde, mansa e confiantemente perante Deus. Praticareis amor, paciência, afabilidade, bondade, misericórdia e todas as graças que habitam no filho de Deus, e afinal encontrareis um lugar entre os santos e puros.

A Palavra de Deus

Divino Livro, que de Luz divina

Caudais fazes jorrar no mundo escuro,

És da verdade a fonte cristalina,

Do viajor o guia mais seguro.

A tua escola aos simplices ensina

A desvendar mistérios do futuro;

És do saber inesgotável mina

De onde se extrai só ouro fino e puro.

Conforto salutar és para o aflito,

És Jordão para o espírito contrito

E esteio ao fraco prestes a cair.

De Deus o Verbo ao mundo revelado,

Tu nos tiras das trevas do passado

Para erguer-nos às glórias do porvir.

ISOLINA A. WALDVOGEL

A Lei da Acção e Reacção

por Ernesto Ferreira

Nas coisas do espirito, as nossas relações com o próximo nunca são estêreis. Reflecitem-se sobre nós mesmos ou sobre terceiros, em bênção ou em maldição, conforme o carácter que as distinga. É esta realidade que E. G. White designa por Lei da Acção e Reacção.

A lei pode ser enunciada nos seguintes termos: «Toda a boa ou má acção que fizermos ao próximo reagirá sobre nós, respectivamente, em bênção ou em maldição».

Assim se passa na benevolência em favor dos pobres: «A sabedoria divina designou, no plano da salvação, a lei da acção e reacção, tornando a obra da beneficência, em todas as suas modalidades, duplamente abençoada. Aquele que dá aos pobres abençoa outros, e é abençoado, em escala maior ainda». — *Testemunhos Selectos*, vol. 3, pág. 401.

Quais são algumas das bênçãos reflexas derivadas do benfazer ao próximo?

Em primeiro lugar, aproxima-nos mais de Deus: «Todo o esforço em favor dos nossos semelhantes recairá sobre nós em chuvas de bênçãos. Foi este o motivo por que Deus nos confiou um papel no plano da redenção. Ele concedeu aos homens o privilégio de tornar-se participantes da natureza divina e de, por sua vez, comunicar esta prerrogativa aos seus semelhantes. Esta é a mais elevada honra, a mais perfeita alegria que Deus nos pode conceder. Os que assim se tornam participantes desta missão de amor são os que mais se aproximam do seu Criador». — *Degraus da Vida Cristã*, pág. 71.

Em segundo lugar, fazer bem ao próximo promove a nossa saúde: «As boas acções são bênçãos duplas, beneficiando tanto o que pratica como o que é objecto da bondade. A consciência de proceder bem é um dos melhores medicamentos para corpos e mentes enfermos. Quando a mente está livre e satisfeita por um sentimento de dever cumprido e o prazer de proporcionar felicidade a outros, a animadora e nobilitante influência traz vida nova a todo o ser». — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 257.

Leiamos também na pág. 148 do mesmo

livro: «Os que se entregam à obra que lhes é designada, não somente serão uma bênção a outros, como hão-de ser eles próprios abençoados. A consciência do dever cumprido exercerá uma influência reflexa sobre a sua própria alma. O acabrunhado esquecerá o seu acabrunhamento, o fraco se tornará forte, o ignorante inteligente, e todos encontrarão um infalível Auxiliador n'Aquele que os chamou».

Em terceiro lugar, o fazer bem aos outros torna-nos felizes: «Nossa felicidade será proporcional a nosso trabalho altruista movido pelo divino amor, pois no plano da salvação Deus indicou a lei da acção e reacção». — *Beneficência Social*, pág. 302.

Por outro lado, se o fazer bem nos traz felicidade, o fazer mal aos outros arruina a nossa própria alma. Tomemos o exemplo da maledicência: «A maledicência é uma dupla maldição, que recai mais pesadamente sobre quem fala do que sobre quem ouve. Quem espalha as sementes da dissensão e discórdia, colhe em sua própria alma os frutos mortais. O próprio acto de olhar para o mal nos outros desenvolve o mal em quem olha. Detendo-nos sobre as faltas do próximo, somos transformados na sua imagem». — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 492. Não é verdade, no reino da Natureza, que a abelha que ferra morre?

A lei da acção e reacção não se aplica só a nós como indivíduos, mas à Igreja como um todo. Há igrejas que receiam enfraquecer se forem liberais dando parte dos seus obreiros ou dos seus recursos para promover a obra missionária no Ultramar. Não há engano maior. Com efeito, «mostrar um espírito liberal, abnegado, para com o êxito das missões estrangeiras, é um meio seguro de fazer avançar a obra missionária na pátria; pois a prosperidade da obra nacional depende grandemente, abaixo de Deus, da influência reflexa da obra evangélica feita nos países afastados». — *Obreiros Evangélicos*, pág. 461.

Esta verdade foi bem expressão por alguém que, a quem objectava contra o envio de homens e ofertas para as missões, res-

Continua na pág. 7

O que é um Missionário?

por J. S. Melim

A palavra missionário é geralmente empregue para significar um indivíduo que é enviado para pregar o evangelho num país diferente do seu, a um povo estranho. Acostumámo-nos a este significado da palavra e, nas nossas orações e conversação, empregamo-la quase sempre assim.

Existe, contudo um sentido mais amplo desta palavra. Este sentido está implicado na seguinte definição de igreja: «A Igreja é o instrumento apontado por Deus para a salvação dos homens. Foi organizada para servir, e a sua missão é levar o evangelho ao mundo». — *Actos dos Apóstolos*, pág. 9.

Segundo esta definição, Deus tinha em mente um grande e único objectivo ao fundar a Sua Igreja: a salvação de almas mediante o evangelho de Jesus Cristo. Esta é a finalidade da sua criação. Esta é a sua missão.

A Igreja é, além disso, uma sociedade de indivíduos. Sobre estes repousa a responsabilidade de cumprir a missão da Igreja. Eles são missionários.

Neste sentido mais amplo, a palavra missionário inclui, por conseguinte, não somente os indivíduos enviados a um país estrangeiro, mas e sobretudo, cada membro da Igreja.

«Todo o verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como missionário». — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 138.

A conclusão a tirar destas observações preliminares é que nós somos membros da Igreja e portanto parte de Cristo, somente na medida em que levamos o evangelho aos que o não conhecem.

Examinemos agora uma outra implicação derivada da relação existente entre as palavras igreja e missionário.

A palavra traduzida por igreja nas nossas Bíblias portuguesas é *Ekklesia*. O francês *église* e o espanhol *iglesia* derivam dessa palavra. A palavra grega *Ekklesia* é formada por dois elementos, a preposição *ek* que significa *de, fora de, longe de*, e um participio do verbo *Kaleo*, que quer dizer *chamar*. A palavra *Ekklesia* pode pois significar: os chamados de (qualquer dos significados da

preposição *ek* se adapta à definição). A inferência é que, no Novo Testamento, a palavra pode ter sido usada para significar a sociedade daqueles que o Senhor chamara do mundo (fora, longe do mundo), para a Sua maravilhosa luz.

A palavra missionário deriva do gerúndio do verbo latino *mittere* (enviar) e significa, etimologicamente, o que é enviado.

Deste pequeno estudo sobre a etimologia dos vocábulos igreja e missionário, pode deduzir-se o seguinte:

1. Homens e mulheres são chamados do mundo; assim se forma a Igreja.

2. Aqueles que aceitam o chamado do Espírito Santo para saírem do mundo, e se unem à Igreja, são depois enviados novamente ao mundo.

A Igreja deve, pois, servir, um duplo objectivo:

1. Instruir e educar os que são chamados do mundo, dando-lhes uma preparação e fundamentos sólidos na ciência de salvar almas;

2. Enviá-los de novo ao mundo, levando consigo e dentro de si o evangelho, a fim de chamar do mundo os que hão-de crer em Cristo.

A Igreja torna-se assim uma espécie de estação de serviço. Depois de instruir e enviar os seus missionários, ela deve estar apta a enchê-los com novo ardor, visão renovada e força para novamente saírem, de cada vez que voltam da sua missão. Para cumprir esta missão, a Igreja serve-se da pregação do dia de sábado, da Escola Sabatina, da reunião de oração, das reuniões de jovens.

Missionário algum poderá manter-se fiel ao seu chamado, se negligenciar qualquer destes meios.

Um terceiro ponto a deduzir em relação à palavra missionário, pode ser inferido de uma comparação entre os sentidos restritos e lato desta palavra, mencionados acima.

Vimos que, no sentido restrito, missionário é aquele que leva o evangelho a um país e a um povo diferente dos seus. A sua tare-

Continua na pág. 12

A Igreja Cristã através dos séculos

por José Pedro Falcão Sincer

O estudo da História Eclesiástica dá-nos uma vista panorâmica do desenvolvimento da Igreja de Cristo na Terra através dos séculos, das suas lutas e das suas vitórias.

O Senhor Jesus, na parábola do trigo e do joio (S. Mat. 24:30), mostrou aos Seus discípulos que o inimigo semearia a cizânia e que tanto a boa como a má semente germinariam juntas até ao dia da ceifa.

A despeito de a cizânia se desenvolver a ponto de se não notar no campo a boa semente, a vitória do Cristianismo será um facto.

Jesus profetizou o aparecimento de muitos falsos profetas, os quais enganariam a muitos. S. Mat. 24:11.

Isto poderia parecer um vaticínio para um futuro longínquo, mas ainda em vida dos apóstolos começou a notar-se um movimento de apostasia que se chamou «Mistério da Injustiça», tendo por seu chefe invisível a Satanás e por ministros homens que não estavam dispostos a viver a verdadeira santificação.

Nas igrejas da Galácia apareceram aqueles que pregavam a salvação pelas obras, o que levou Paulo a escrever a Epístola aos Gálatas (Ver 1:6-9; 3:1-3; 5:10, 12; 4:17).

Em outras epístolas Paulo dá a entender que a apostasia teria campo favorável para desenvolver-se (ver 2 Tess. 2; 1 Tim. 4:1; 2 Tim. 4:3, 4) e no livro de Actos 20:28-30 ele prevê esse desenvolvimento para depois da sua morte. Examine-se também 2 Ped. 3.

Para um mais perfeito estudo dividiremos o plano destes apontamentos em períodos históricos e para isso servir-nos-emos dos períodos proféticos das sete igrejas da Ásia, a quem Jesus enviou Suas mensagens de reprovação e exortação.

Podemos assim dividir a História da Igreja nos seguintes períodos: Idade apostólica (31-100); Perseguição pagã (100-313); Desenvolvimento do papado (313-538); Supremacia papal (538-1798); A liberdade religiosa ou das igrejas reformadas (1798-1833); O Movimento do Advento (1833-1844); Até à volta de Jesus (1844-...).

Começemos pela Idade Apostólica.

O Cristianismo apareceu no auge do Império Romano. Por toda a parte imperava a mais férrea escravidão. A mulher encontrava-se na mais humilhante posição e a criança não tinha qualquer valor. O povo vivia na maior ignorância e miséria.

A paz, a unidade política, a cultura comercial e linguística promovida pelo Império Romano, a cultura e filosofia dos gregos, a transformação política, social e religiosa do mundo que vivia à volta do Mar Mediterrâneo, eram condições favoráveis ao aparecimento de uma nova religião.

O mundo como que ansiava libertar-se das suas cadeias e alcançar uma liberdade na Verdade, única maneira de conseguir a paz de espírito de que necessitava.

«Vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou o Seu Filho». Gál. 4:4.

Era Jesus de quase trinta anos quando começou o Seu ministério terrestre. Congregando a Si alguns homens humildes, começou a pregar o Evangelho do Reino. A Sua missão estendeu-se por cerca de três anos e meio, findos os quais, preso pelos homens, foi entregue ao poder romano para ser crucificado. Mas, como tinha predito, ressuscitou.

O Dr. James Stalæer afirma numa obra sobre a vida de Jesus: «A vida de Cristo jamais desaparecerá da História. A Sua influência aumenta cada vez mais; as nações mortas estão à espera que ela as atinja também, e é a esperança de todos os fervorosos espíritos que estão clamando pela nova terra».

Este Evangelho do Reino devia ser pregado em vida de Jesus, principalmente aos judeus na Palestina.

Depois da ascensão de Jesus, os discípulos deviam aguardar em Jerusalém, «até que do Alto fossem revestidos de poder».

Jesus, antes de ascender aos céus, havia-lhes delineado um plano de actividades. (Ver Actos 1:8). O derramamento do Espírito Santo no dia do Pentecostes torna os discípulos capacitados para uma tarefa que nem sabedoria nem forças humanas poderiam levar a efeito.

As conversões são numerosas. Três mil são baptizados de uma vez (Act. 2:41), elevando-se este número a quase cinco mil de outra vez (Act. 4:4) e grande parte dos sacerdotes obedecia à fé (Act. 6:7).

Jerusalém está evangelizada. A perseguição que se levanta leva os crentes a dispersarem-se pela Judeia e Samaria. Act. 8:4.

Filipe, um dos diáconos, desceu a Samaria e o êxito desta missão levou a igreja de Jerusalém a enviar para lá Pedro e João. Act. 8:2-24.

Pedro, orientado pelo Espírito Santo, responde ao convite de um centurião romano residente em Cesareia e verifica que também os gentios estão incluídos no plano da salvação, pois sobre eles, depois de lhes serem ensinadas as verdades concernentes à salvação, desceu o Espírito Santo e foram baptizados. Act. 10.

Os que foram dispersos pela perseguição anunciaram o Evangelho em Antioquia aos gregos e grande número se converteu. Act. 11:20, 21.

A igreja de Jerusalém cresceu de admiração com mais este acontecimento a acrescentar à conversão de Cornélio, seus parentes e amigos íntimos. Act. 11:22, 23.

Paulo, que já se havia convertido, é pro-

curado por Barnabé a fim de o auxiliar nas lidas evangelísticas em Antioquia, onde os discípulos são chamados «cristãos».

O Espírito Santo separa estes valorosos missionários para uma obra de evangelização, que os levou à ilha de Chipre e a cidades importantes da Ásia Menor.

Paulo fez mais duas viagens missionárias através da Ásia Menor e sudeste da Europa, atravessando a Macedónia e a Grécia.

No regresso da terceira viagem, quando estava em Jerusalém depositando a colecta angariada entre as igrejas da Ásia Menor e da Grécia para os judeus pobres daquela cidade, as autoridades judaicas levantaram um tumulto que levou Paulo à prisão, e findos dois anos foi remetido para Roma por ele ter apelado para o tribunal de César.

Em Roma esteve preso mais dois anos, tendo, porém, liberdade para pregar e escrever, a qual resultou na conversão de muitos, alguns pertencentes à casa de César. Fil. 4:22.

Solto, foi preso de novo e martirizado em Roma.

No fim do primeiro século, o Cristianismo havia-se firmado em grandes centros comerciais do Império Romano e feito progressos nos distritos rurais.

A Lei da Acção e Reacção

Continuação da pág. 4

pondeu: «A religião é artigo que quanto mais se exporta mais abunda no país exportador». — J. C. Varetto, *Heróis e Mártires da Obra Missionária*, Casa Publicadora Baptista, Rio de Janeiro, pág. 53.

A lei da acção e reacção tem ainda uma aplicação quanto a terceiros. Poderia, neste sentido, enunciar-se assim: «Toda a boa ou má acção que fizermos ao próximo reagirá sobre terceiros, respectivamente, em bênção ou em maldição».

Jamais poderemos avaliar o alcance de um bom ou mau exemplo. A viúva pobre, dando a sua humilde contribuição para o avanço da obra do Senhor, pensava que o seu acto não teria quaisquer consequências futuras. No entanto, «o exemplo de abnegação dado pela viúva pobre tem agido e rea-

gido sobre milhares de corações em todas as terras e em todos os séculos». — *Obreiros Evangélicos*, pág. 463.

Na vida futura, haverá sem dúvida grandes surpresas. Não será uma das menores o crente ver salvas pessoas com quem nunca contactou, mas que ali se encontram como resultado dos seus esforços?

«Ali, todos os que trabalharam com um espírito desinteressado contemplarão os frutos dos seus labores. ... Os homens lançam a semente, da qual, sobre as suas sepulturas, outros recolhem a abençoada messe. Plantam árvores para que outros comam o fruto. Aqui estão contentes por saberem que puseram em actividade forças para promover o bem. No além serão vistas a acção e reacção de todas estas forças» — *Educação*, pág. 306.

Conhecendo o Nosso Salvador

por E. L. Cardey

«Para que O possa conhecer, e à virtude da Sua ressurreição, e à comunicação de Suas aflições, sendo feito conforme à Sua morte». (Fil. 3:10).

Conhecer a Jesus como Salvador e Redentor pessoal, torna o homem apto a viver e morrer por Ele. De todas as histórias de mártires que tocam os corações do povo escocês, nenhuma é mais comovedora que a de duas mártires de Wigtown, Maria Wilson e Agnes McLaughlin, que pereceram no



A mártir escocesa Maria Wilson

mar de Solway. Elas recusaram abandonar a sua fé em Cristo, e foram condenadas a morrer afogadas no oceano, quando a maré enchesse.

A menina mais velha, conforme nos diz o relato, foi amarrada a um poste mais longe da praia que a mais nova; os seus perseguidores pensaram que quando a menina mais nova visse a sua amiga a debater-se nas ondas da maré enchente, talvez desistisse da fé que professava. Ela podia observar as ondas, cobrindo-lhe primeiro os pés, depois os joelhos, em seguida a cintura, pouco depois o pescoço, e finalmente os lábios.

Os que as tinham condenado dirigiram-se

à menina mais nova e disseram: «Olha! Que vês tu?»

Voltando um pouco a cabeça, de maneira a poder ver bem a luta que a sua amiga estava a travar com a morte, respondeu calmamente: «Interrogais-me sobre o que vejo? Vejo o Senhor Jesus sofrendo na pessoa de um dos Seus membros. Deixai-me segui-l'O, como ela, submersa nas águas».

Assim é quando uma pessoa conhece verdadeiramente a Jesus, não apenas como uma personagem histórica, mas como um amigo e Salvador pessoal. Toda a vida é mudada. Novos desejos e ambições apoderam-se da alma. Assim sucedeu com Saulo de Tarso quando se encontrou com Jesus na estrada de Damasco. Imediatamente exclamou: «Que queres que eu faça?» A partir de então a sua vida centralizou-se em Cristo.

Há uma altura, na vida de cada pessoa, em que como Samuel quando era jovem, esta não conhece o Senhor. Mas Deus falou a Samuel durante a noite, por sonho ou visão, e Samuel respondeu: «Fala, porque o Teu servo ouve». Que mudança sobreveio à vida de Samuel a partir daquele dia! Deus fala a cada alma nascida neste mundo, quer pela voz da consciência, quer através da Sua Palavra revelada. Os tons da Sua voz tornam-se cada vez mais distintos e doces, ao repetidas vezes dizermos como Samuel: «Fala, porque o Teu servo ouve».

Jesus conhece-nos pessoalmente. Ele conhece o nosso deitar e levantar, e os nossos mais íntimos pensamentos. É Seu desejo que da mesma maneira O conheçamos na plenitude da nossa capacidade humana.

«Cada alma é tão perfeitamente conhecida por Jesus, como se fora ela a única por quem o Salvador houvesse morrido. As penas de cada uma tocam-Lhe o coração. O grito de socorro chega-Lhe ao ouvido. Veio para atrair a Si todos os homens. Ordena-Lhes: 'Segue-Me', e Seu Espírito comove-Lhes a alma, atraindo-os para Ele. Muitos recusam ser atraídos. Jesus sabe quem são. Sabe igualmente quais os que escutam de boa vontade o chamado, e estão prontos a colocar-se sob Seu pastoral cuidado. Diz Ele:

'As Minhas ovelhas ouvem a Minha voz, e Eu conheço-as, e elas Me seguem'. Cuida de cada uma, como se não houvesse nenhuma outra na face da Terra». — *O Desejado de Todas as Nações*, 4.^a Edição Brasileira, págs. 361, 362.

Como O conhecer

Cristo revela-Se por meio das Suas obras e da Sua Palavra. Há evidência do Seu amor divino por um mundo cheio de pecado, em cada folha, arbusto ou flor. Ao lermos a Sua Palavra e ao darmos ouvidos aos preceitos nela apresentados, descobrimos uma nova força que opera de dentro de nós. Paulo expressa-o clara e maravilhosamente nas seguintes palavras:

«Para que Cristo habite pela fé nos vossos corações; afim de, estando arraigados e fundados em amor, poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que sejais cheios de toda a planitude de Deus». (Efésios 3:17-19).

Conta-se que ao ser o bispo de Rochester levado ao cadafalso para morrer pela sua fé, orou: «Agora, Senhor, mostra-me algum texto que me anime ao passar por esta experiência terrível». Ele abriu o Novo Testamento, e os seus olhos encontraram as seguintes palavras: «E a vida eterna é esta: que Te conheçam, a Ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste». (João 17:3). Fechando o Livro, exclamou ao subir os degraus do cadafalso: «Louvado seja o Senhor; isto é suficiente para o tempo e para a eternidade».

Há, então, um conhecimento mais profundo e mais completo d'Ele, ao percorrermos lado a lado a senda cristã da vida, um conhecimento que apenas pode ser adquirido com a experiência. «Meditando nas perfeições do Salvador, sentiremos nascer em nós o desejo de ser inteiramente renovados e transformados na Sua pura imagem. A ama terá fome e sede de tornar-se semelhante Aquele ao qual adora». — *Degraus da Vida Cristã*, pág. 80.

«Far-nos-ia bem passar diariamente uma hora a reflectir sobre a vida de Jesus. Deveremos tomá-la ponto por ponto, e deixar que a imaginação se apodere de cada cena,

especialmente as finais. Ao meditar assim em Seu grande sacrifício por nós, nossa confiança n'Ele será mais constante, nosso amor vivificado, e seremos mais profundamente imbuídos de Seu Espírito. Se queremos ser salvos afinal, teremos de aprender aos pés da cruz a lição de arrependimento e humilhação» — *O Desejado de Todas as Nações*, 4.^a Edição Brasileira, pág. 58.

Já tentastes fazer isto? Já concentrastes os vossos pensamentos, durante o sossego da noite, na vida e no amor de Jesus por vós? Já permitistes o desenvolvimento completo das vossas percepções ao recordardes os factos conhecidos acerca de Jesus e do Seu maravilhoso plano para a vossa salvação? Se o tendes feito, então conheceis algo da «paz de Deus, que excede todo o entendimento».

Certeza ao Conhecer-l'O

Então vem ao que crê uma certeza que nem o dinheiro pode comprar nem o mundo pode dar — a certeza desta vida e da vida futura. Paulo refere-se a esta certeza, da seguinte maneira:

«Porque eu sei em quem tenho crido, e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até àquele dia». (2 Tim. 1:12).

Estes são tempos de incerteza. Milhões de almas tentam encontrar uma base firme para os seus pés, quando parece que a terra está prestes a ser abalada nos seus fundamentos. Quando alguém pode dizer com certeza, com uma fé viva, «Eu sei em quem tenho crido», sei que «Ele é poderoso para guardar o meu depósito», a vitória está alcançada. Todo o crente no Advento pode ter — sim, *deve* ter — esta experiência na hora presente em que multidões procuram o farmacêutico em busca de tranquilizantes quando deviam em vez disso procurar a Palavra de Deus. Oxalá que possamos conhecer a Jesus como um amigo e companheiro da nossa vida diária, como Salvador e Rei vindouro.

Visado pela Censura

A Adubação das Lavras

por José de Sá

O afolhamento ou rotação de uma lavoura não dispensa a adubação da mesma.

Três são os principais processos de adubar uma lavoura.

O mais antigo, e ainda o melhor é o uso de estrume de animais em quantidades suficientes. Este, sendo bem curtido e devidamente conservado, fornece à terra tudo o que é necessário ao bom desenvolvimento das plantas. Na preparação ou conservação de estrume de animais há que ter em mente que a urina é a melhor fonte de amoníaco — causa do nitrogénio — e ainda de outros sais. Entre os estrumes, o mais completo, embora tenha pouca humidade, é o das aves (galinhas, etc.). O de porco é o mais fraco.

Para a maioria dos agricultores é impossível obter estrume em quantidades suficientes para as suas lavouras. Como já dissemos, o enterramento dos restos das lavouras e do capim e de todas as folhas ajuda bastante. Em muitos casos, porém, é insuficiente. Com pouco trabalho e boa vontade, todos podem preparar estrume artificial para as suas lavouras: Palha ou idêntico material orgânico — folhas, capim, arbustos, restos da lavoura e da cozinha, e mesmo ramos de árvores — amontoado em camadas, com adubo químico, estrume de animais e urina.

Estende-se uma camada de material, aproximadamente com 30 cm. de altura. Sobre esta deita-se água, um pouco de adubo químico, ou estrume de animais, urina e cinza. Segue-se outra camada de palha, água e adubo, e assim sucessivamente até atingir 1,8 m ou 2 m de altura. Deve deitar-se água frequentemente para manter a humidade.

A temperatura pode subir demasiadamente. Prova-se pondo a mão. Se começar a queimar o dorso desta, a temperatura é demasiado elevada. Devemos deitar mais água. Ao fim de cinco semanas muda-se tudo para outro monte. Três meses depois o estru-

me artificial está pronto para usar na lavoura.

Para cada mil quilos, mais ou menos, de palha seca usa-se 35 quilos de cal e 15 quilos de superfosfatos. Por cada tonelada de palha obtemos desse modo duas de estrume. Quem tiver estrume de animais pode deitar entre as camadas de palha em vez de adubo químico. Nesse caso, para cada camada de palha com 30 cm. de altura, outra de estrume com 10 cm., mais ou menos. Quanto mais urina e cinza, melhor. Mesmo os restos da cozinha e a água usada para lavar a loiça devem ser aproveitados. Numa palavra, todo o lixo que invade a casa, as lavouras e os caminhos tem valor. Até nisso a limpeza traz as suas vantagens.

Este processo de fabricar estrume é fácil, barato e compensador. Repetimos: Sem conveniente tratamento, as plantas não podem produzir. Por outro lado, bem tratadas, agradecem — dão-nos boa produção.

Na impossibilidade de obter estrume de animais em quantidade suficiente para fornecer à terra, pode-se e deve-se usar adubo comercial. Numa lavoura bem trabalhada e adubada com adubo comercial ou químico é possível colher-se cinquenta a sessenta sacos de milho por hectare. É preferível cultivar dois ou três hectares apenas e deles cuidar bem e colher de cem a duzentos sacos, do que trabalhar arduamente e mal cinco ou mesmo dez hectares e colher metade daquela quantidade ou talvez menos.

Poucos têm conhecimento do uso de adubo comercial e das suas vantagens, e mesmo julgam que custa caro e não compensa. Para experiência, devem começar o primeiro ano com uma pequena lavoura, usando o adubo indicado e quantidade mínima indispensável e logo verão o resultado. Imediatamente passarão a usá-lo em lavouras maiores.

O uso do adubo comercial não dispensa o uso de estrume de animais, quando houver, e o enterramento de capim, restos das

Continua na pág. 14

Através da Seara de Angola

Conversão maravilhosa

O Irmão Joaquim Chitunda mora na aldeia de Dumba, concelho de Cassongue.

Em tempos pertenceu a uma igreja protestante, mas em 1961 deixou tudo e voltou à prática dos costumes gentílicos.

Começou a beber vinho e cachipembe, e as suas bebedeiras tornaram-no famoso na sua aldeia e arredores. Quando estava embriagado não respeitava ninguém, quer fossem brancos quer fossem pretos. Sob o efeito do álcool, insultava quem se pusesse à sua frente. Batia na mulher e nos filhos.

Quando chegava a casa, à noite, ao voltar da loja, a esposa procurava fazer-lhes todas as vontades para evitar as pancadas e insultos que não tardariam. Os filhos encolhiam-se a um canto e esperavam que o sono viesse pôr termo à tempestade.

Muitas vezes, altas horas da noite, lá vinha o Joaquim, cantando a plenos pulmões as cantigas que a bebedeira lhe inspirava.

Muitas vezes dormia no mato. A família não sabia então onde ele estava.

Uma vez pediu emprestada uma bicicleta para ir à loja. Claro que apanhou a bebedeira do costume. Já não foi capaz de voltar para casa. Dormiu à beira da estrada. Veio um ladrão e roubou-lhe a bicicleta. Teve que pagar um boi à pessoa que lhe tinha emprestado.

Passou a negociar na venda de vinho. Ele era o melhor freguez do seu negócio.

Pouco a pouco foi perdendo tudo — bois, roupas, etc. Sentia-se doente. Não tinha vontade de trabalhar. Em sua casa havia fome e miséria. As suas filhas sentiam necessidade de fugir de casa para terem alguma coisa que comer e que vestir. A sua vida era uma verdadeira miséria moral, material e espiritual.

Em 1965 o Joaquim, por curiosidade, entrou na Igreja Adventista, num dia de Sábado, e sentou-se para assistir ao culto. O Espírito do Senhor tocou o seu coração. Começou a pensar na sua actual vida e naquilo que o pregador tinha dito. Começou a pensar em Jesus. E quanto mais pensava mais sentia a sua miséria e mais sentia que tinha necessidade de mudar de vida. E mudou. Deixou de beber. Sentia-se melhor e mais feliz. Sua esposa parecia-lhe outra.

Andava contente, e cantava. Os filhos já não tinham medo dele.

Todos os Sábados lá ia o Joaquim com a sua família assistir aos serviços religiosos. Todos agora se admiravam da nova vida que levava. Fez uma nova casa, bonita, caiada, com tecto que não deixava passar chuva. Fez novas lavras, grandes.

Antes passava o tempo a beber; agora passa o tempo a trabalhar. Recuperou tudo o que tinha perdido. Agora tem mais bois do que dantes. Tem boas roupas e a sua família também.

Os filhos andam na escola. Uma filha está na escola da Missão da Namba. Os outros mais novos também para lá hão-de ir.

Quando os antigos amigos o convidam para tomar um copito, o Joaquim, com um sorriso franco e leal, responde que não, que não quer mais essa bebida do diabo; que já chega de miséria para si e para os seus.

A sua vida, na verdade, mudou completamente. E esta mudança é tão grande que todos a puderam notar. Até uns catequistas de outra igreja estão admirados com a mudança de vida do Joaquim. Eles também querem experimentar. Estão a receber o trimensário e a frequentar a igreja ao Sábado.

Que o Espírito do Senhor possa tocar também estas almas para que elas e outras mais possam também dedicar as suas vidas a Jesus, como o fez o irmão Joaquim.

Paulo Epalanga

Madalena, esposa de Angelino Moma

No *Boletim* de Abril vimos como Angelino Moma aceitou a Mensagem, depois de ter estado entregue à feitiçaria. Hoje vamos falar de Madalena, sua esposa, que, depois de ter passado pela feitiçaria, aceitou igualmente a Mensagem.

Madalena era membro de outra Igreja. Tendo ficado doente, os pais arranjaram um pouco de dinheiro e foram consultar o adivinhador.

O adivinhador disse-lhes que, como a sua avó tinha sido feiticeira, o espírito dessa avó queria que ela fosse herdeira da feitiçaria. Por isso, para ela ficar curada, era necessário arranjar as seguintes coisas: uma cauda de boi enfeitada com missanga encarnada

e branca; um prato branco; um pouco de gesso e uma tinta vermelha para enfeitar o doente na altura de o curar. Disse também que era necessário comprar uma *olombamba*, para que quando ela tivesse filhos, estes fossem protegidos.

Depois de arranjar tudo isto, Madalena nada mais esperava senão saúde e felicidade. Mas sucedeu precisamente o contrário: a doença começou a piorar e os filhos a terem prejuízos.

Assim, Madalena escolheu seguir somente a Cristo e hoje regozija-se na Mensagem.

Pedro Matapalo

Dando os primeiros passos no trabalho

Foi em 19 de Maio de 1966 que finalizei o meu curso.

Antes de partirmos para as nossas aldeias, tivemos o privilégio de realizar uma Campanha de Evangelização.

Esta foi dividida em dois grupos. O grupo a que eu pertencia tinha como dirigentes

o Prof. A. A. Maurício, que hoje é director do Instituto do Bongo, e o Sr. Pastor Pedro B. de Freitas. As nossas actividades realizaram-se na aldeia de Samaria, perto da povoação de Java, da área do Pastor Ricardo Ecupa. Todas as pessoas que encontrávamos sentiam-se muito contentes por verem no seu meio o missionário com o Sr. Pastor P. B. de Freitas.

A Campanha durou apenas 15 dias.

Hoje os finalistas de 1966 encontram-se nos seus lugares, trabalhando em favor das almas — uns nas Missões, outros nas Centrais e ainda outros nas catequese.

Depois da Campanha, fui para a minha terra. Não tardou muito que a União me chamasse para trabalhar no Instituto do Bongo, como mestre na Escola de Alfaiataria, onde hoje me encontro.

Peço aos prezados leitores que orem por este pequeno lar que está a começar o trabalho na seara do Mestre.

Armando Henriques

O que é um Missionário?

Continuação da pág. 7

fa é difícil. Diferenças de linguagem, de cultura e educação, frequentemente fazem com que ela pareça impossível de cumprir. O missionário tem de compreender a sua inteira dependência de Deus; e, para que a sua tarefa tenha bom êxito, ele tem de ter encontrado o segredo da oração constante e perseverante que o manterá em comunhão íntima com o Céu.

No sentido mais lato, vimos que a palavra missionário envolve cada um dos membros da Igreja. O membro da Igreja foi chamado do mundo ao qual pertencia e, quando é reenviado ao mundo, já não lhe pertence. Como o missionário enviado a um país estrangeiro, o membro da Igreja é enviado a um mundo cujos costumes, gostos e linguagem já não reconhece como seus. No mundo ele é um peregrino, um embaixador de um outro país, de uma cidade com fundamentos, da qual o artífice e construtor é Deus. Ao mundo ele vai, levando o exemplo de uma vida transformada e a Palavra poderosa do seu novo Mestre. No mundo ele é considerado um estrangeiro. A sua linguagem é diferente, os seus costumes e gostos são peculiares. A sua tarefa é difícil. Ele tem de

depende constantemente de Deus e terá bom êxito apenas na medida em que manter intacta a sua comunhão com o Céu.

Quem é um missionário? És tu prezado irmão, prezada irmã, querido jovem, quem quer que sejas, proprietário, barbeiro, secretária, ou dona de casa. Sou eu. O grito da hora é de consagração total para evangelismo total. Este evangelho deve ser levado a toda a criatura nesta geração. Nesta hora em que a luz do anjo de Apocalipse 18 deve iluminar o mundo com a sua glória, qual é o seu trabalho, meu irmão? Se permitirmos que o Espírito governe as nossas vidas, responderemos como o fez um outro missionário: «Conserto sapatos para ganhar o pão de cada dia, mas o meu trabalho é pregar o evangelho!»

«Longamente tem Deus esperado que o espírito de serviço se apodere de toda a igreja, de maneira que cada um trabalhe para Ele segundo a sua habilidade. Quando os membros da igreja de Deus fizerem a obra que lhes é indicada nos necessitados campos nacionais e estrangeiros, em cumprimento da comissão evangélica, todo o mundo será logo advertido, e o Senhor Jesus retornará à Terra com poder e grande glória. 'E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim'. S. Mat. 24:14». — *Actos dos Apóstolos*, pág. 111.

Histórias Africanas



Buka acha uma Solução

O sol africano queimava, mas Buka não prestava atenção ao calor, tão atarefado estava em conduzir as vacas à outra extremidade do campo. Logo que os animais começaram a pastar, voltou à pressa para o caminho onde o esperava seu irmãozinho Anguti, que era coxo.

«Crês que as vacas ficarão no campo até voltarmos da Escola Sabatina?» perguntou ansiosamente Anguti.

Buka acenou afirmativamente com a cabeça.

«Elas têm de ficar lá», disse ele, «caso contrário, a mãe vai ficar zangada».

Anguti engoliu a saliva. Lembrou-se de como seus pais ficaram zangados o Sábado anterior, quando as vacas invadiram o campo de milho. Não houve grande prejuízo, mas a mãe repreendeu severamente os filhos por terem ido à Escola Sabatina em vez de guardarem as vacas.

«A mãe não quer que vamos à Escola Sabatina e que aprendamos a conhecer Jesus», disse Anguti.

Buka sacudiu a cabeça.

«Não, ela quer que continuemos fieis aos espíritos», disse ele. «Mas eu já não creio nos espíritos. Quero conhecer a Deus cada vez melhor».

O rosto de Anguti brilhou de alegria ao ouvir as palavras de seu irmão.

«E eu quero crer nas mesmas coisas que tu», afirmou ele.

Nesse dia, os dois rapazes ouviram várias histórias acerca de Jesus e do Seu amor, mas reconheciam que isso não bastava. E

embora, ao voltarem para casa, tivessem sido castigados por sua mãe que lhes proibiu que voltassem à Escola Sabatina, os dois rapazes fizeram mesmo assim planos para lá irem no Sábado seguinte.

«Nós temos de ir lá», disse Buka ao seu irmão enquanto se preparavam para se deitar. O amor para com Deus tem que ocupar o primeiro lugar em relação ao amor para com os pais. E temos de orar para que o pai e a mãe aprendam a conhecer Jesus e O adorem como nós».

Anguti concordou e ajoelhou-se ao lado de Buka para orar. Pediram ao Senhor que ajudasse os seus pais a amar Jesus e a aceitá-l'O como seu Salvador.

Os pais de Buka e Anguti deram-lhes numerosos trabalhos a fazer durante a semana, mas na sexta-feira os rapazes trabalharam fortemente e terminaram todas as suas tarefas.

«Agora podemos ir», disse Buka.

Mas no Sábado de manhã, quando os rapazes se levantaram, não puderam encontrar a sua roupa melhor.

«A mãe escondeu tudo», disse Anguti tristemente enquanto vestia a sua roupa velha.

Buka aquiesceu, mas tomou a mão do seu irmão, e dirigiram-se ambos para o local onde se realizavam as reuniões.

«Jesus não se importará com a nossa roupa suja», disse ele. «Ele não olhará senão para os nossos corações».

Nesse dia, após a Escola Sabatina, o missionário falou às crianças acerca de uma grande reunião que teria lugar no Sábado seguinte numa aldeia situada a cerca de

vinte quilómetros dali. Um grupo de crianças da classe de Buka e Anguti iriam com o missionário para assistir àquela reunião. Buka e Anguti desejavam também lá ir.

Durante toda a semana os dois rapazes não falaram noutra coisa, mas na véspera do dia em que deviam ir ter com o missionário, o pai fechou-os.

Anguti desatou em soluços.

«Agora não poderemos lá ir», gemeu ele. «Não conseguiremos sair».

Buka procurou consolar seu irmão.

«Vamos pedir a Jesus que nos ajude», disse ele. «Ele nos mostrará um meio de podermos assistir à reunião».

Os rapazes oraram por muito tempo antes de se deitarem. Na manhã seguinte, a mãe abriu a porta.

«Agora podemos ir», disse alegremente Anguti.

Os rapazes precipitaram-se para fora. Mas o sol já ia alto no céu. Buka deteve-se.

«O missionário com certeza já partiu», disse ele olhando para o seu irmão. «E tu não podes caminhar vinte quilómetros».

Os lábios de Anguti começaram a tremer, mas os seus olhos fixaram-se nos olhos de Buka.

«Vai sem mim», disse ele valorosamente. «Tu não deves faltar à reunião pelo facto de eu não poder ir. Conta-me depois...»

Buka sacudiu a cabeça.

«Tem de haver um meio para podermos ir ambos», disse ele pensativamente.

De repente, sorriu:

«Já sei!» exclamou. «A bicicleta do primo Hondo!»

Todavia a ideia não parecia muito boa, pois Hondo tinha apenas seis anos, e a bicicleta, que o pai tinha recebido duma família branca, era muito pequena. Mas os rapazes decidiram apesar disso experimentar. Pediram emprestada a bicicleta e Buka pedalou enquanto Anguti ia instalado o melhor possível no porta-bagagens.

A meio caminho, os rapazes tinham um rio a atravessar. Era outro problema, mas com o auxílio de Jesus, acharam uma solução. Buka ajudou primeiro Anguti a atravessar, e quando voltou à outra margem para buscar a bicicleta, um amável estranho ajudou-o.

Depois de lhe ter agradecido, Buka e Anguti dirigiram-se para o lugar da reunião. Todos ficaram surpreendidos, mas muito contentes por os ver.

«Os anjos do Senhor vos ajudaram sem dúvida durante esta viagem de vinte quilómetros», disse o pastor. «Agradecemos ao nosso Pai celeste».

Buka e Anguti foram os primeiros a inclinar a cabeça pois desejavam de todo o coração exprimir o seu reconhecimento a Jesus que os tinha ajudado a chegar à reunião. Antes do fim do culto, tiveram outro motivo para agradecer ao Senhor.

Seus avós, que habitavam naquela aldeia, entregaram os seus corações a Jesus.

«Sabes o que penso?!» perguntou Buka, sorrindo e batendo no ombro do seu irmão.

Anguti sacudiu a cabeça. Não sabia quais eram os alegres pensamentos de Buka.

«Devemos continuar a orar», disse Buka. «Um dia nossos pais hão-de amar a Jesus. O Senhor ouve as orações dos que Lhe são fiéis».

Anguti também estava certo disso e exprimiu-o apertando fortemente o braço do seu irmão.

E. S.

A Adubação das Lavras

Continuação da pág. 10

lavras do ano anterior e das folhas secas podres, sempre que isso seja possível.

Um terceiro método de fornecer à terra determinados elementos fertilizantes é o uso de adubo verde.

Certas plantas servem admiravelmente para este fim. Todos os legumes (feijão, soja, tremoços), luzerna, centeio e outras plantas são frequentemente usados. O feijão macunde, porque produz muitas folhas, é talvez melhor. Semeia-se relativamente junto e trata-se como se fosse para produzir fruto ou grão. Logo que começam a brotar flores, passa-se a charrua e enterra-se toda a planta. Não convém deixar que a flor se desenvolva e comece a produzir. A eficiência do adubo verde na fertilização do terreno é inversamente proporcional ao grau de maturidade da planta. Explico-me melhor: Quanto mais madura estiver a planta usada para adubo verde menos fertiliza a terra. O centeio pode enterrar-se quando atinge metade da sua altura ou antes de deitar espiga.

Notícias do Campo

D. Benvinda Marques

A fim de passar alguns meses na Metrópole, embarcou no Lobito, no dia 20 de Maio, D. Benvinda Marques, do Hospital do Bongo.

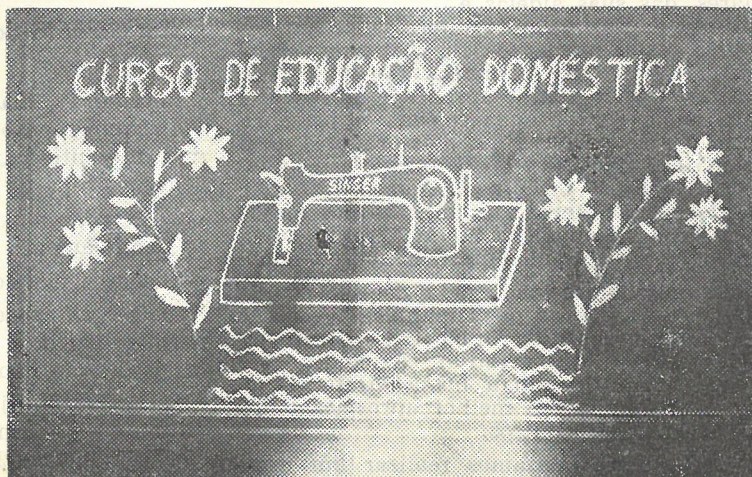
II Curso de Educação Doméstica no Cuale

Foi de 5 a 31 de Março p. p., que teve lugar o II Curso de Educação Doméstica na nossa Missão do Cuale. Foi um curso que, tal como o anterior, despertou o maior entusiasmo e interesse.

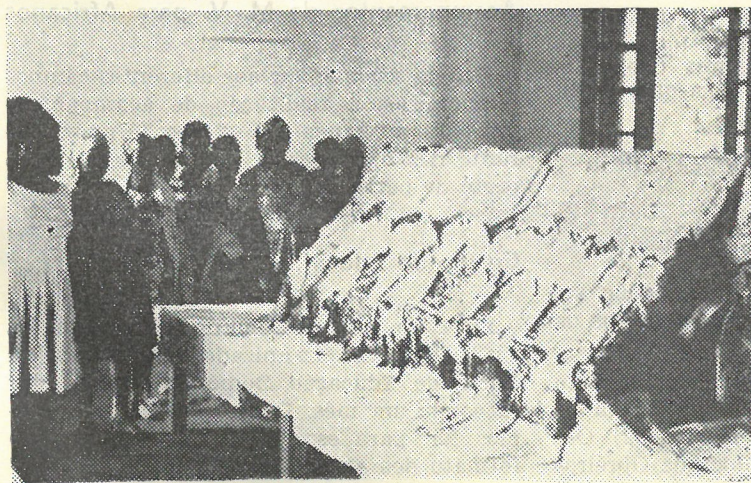
Podemos considerar um aproveitamento excelente na sua quase totalidade. As mulheres dos nossos obreiros desejam aprender e tentaram tirar o melhor partido da oportunidade que se lhes oferecia. A missão ficou mais silenciosa com a partida dos alunos; mas foi de novo animada pela alegria de poderem elas estar juntas durante esses dias. As 6h 30 da manhã tínhamos a Devoção Matinal. A partir das 8 horas, Português, uma aula bastante útil e da qual elas diziam que «ali temos de trabalhar duro». Seguidamente começava a Costura, a parte mais apreciada por todas. Este ano a tarefa esteve mais simplificada,

com a chegada dos moldes, que foi um grande melhoramento e um precioso auxílio, pois assim os conhecimentos adquiridos no Curso poderão ser continuados nas suas aldeias. As 14 horas eram dadas lições extraídas do livro «O Lar Cristão», lições que nos permitiram uma agradável e útil troca de impressões sobre os seus problemas mais íntimos e diversos, desde a higiene no lar, até à higiene mental, e ao importante tema da religião na família e ainda da necessidade de haverem mães educadoras, como as mães de Israel.

Mal terminava esta aula, já o nosso grande fogão esperava impaciente, ao ar livre,



Desenho no quadro preto da sala da Exposição dos trabalhos



Exposição dos trabalhos

por receber as panelas e tachos, que em breve faziam o ambiente encher-se de aromas, convidando-nos a respirar fundo. Depois chegava, naturalmente, o tão almejado momento das «provas», que era, sem dúvida, a parte mais movimentada do dia. Os «peixinhos da horta» continuam na primeira página da aceitação geral, assim como o arroz doce.

Constatámos com surpresa que as semanas tinham passado rapidamente e que era chegada o tempo de terminar. O almoço de fim de curso esteve de molde a honrar as cozinheiras,

que se esmeraram na sua confecção e no servir.

Foi feita a exposição dos trabalhos, sendo ao todo 126 peças de vestuário destinadas para a criança, para a mulher e para o lar. A tarde tivemos a presença do Sr. Administrador de Posto e de alguns comerciantes e famílias que assistiram à entrega dos diplomas e a dois improvisos feitos pelo director da missão e pela autoridade administrativa, que disse sentir-se honrado por as mulheres da sua área terem realizado com tanto proveito um curso que servirá, sem dúvida, para o progresso dos seus lares, das suas aldeias e do seu país. Uma nota interessante, no decurso destes momentos, foi a atitude voluntária da Ir. Elisa Gouveia. Dirigindo-se à frente, e com grande à vontade, agradeceu, em nome de todas as colegas, a presença amiga e as palavras dos dois oradores, bem como à União por ter organizado estes cursos, que tanto bem lhes fazem; por fim, e agradecendo também o trabalho dos monitores, foi premiada com uma grande salva de palmas, especialmente pela sua coragem.

E agora sinto-me legada de um pedido feito por todas as participantes: agradecer ao Sr. Presidente da União todo o trabalho que teve em nos arranjar os moldes, que muito simplificaram a nossa tarefa e que nos ofereceram um melhor aproveitamento para futuros encontros.

Brevemente pensamos realizar um novo curso com irmãs africanas de outras áreas, e sentimos o muito que ainda há a fazer, tanto no plano material e social, mas particularmente no espiritual.

Continuamos, pois, a envidar todos os esforços e a empregar os talentos, que o Senhor nos dá, nesta boa obra, a qual servimos com prazer.

Eunice Falcão

Cursos de Obreiros Leigos

Considerando que a Obra não pode ser terminada sem o concurso dos membros da Igreja,

Votado: 1) Fazer todos os esforços para que cada membro de igreja tenha uma actividade definida na evangelização; 2) Organizar para esse efeito Cursos de Obreiros Leigos que atinjam as próprias aldeias.



Almoço do exame final

Acampamento dos M. V.

Votado: 1) Realizar de 6 a 14 de Agosto um acampamento de juventude com programas diferentes para menores de 10 a 15 anos e para jovens de 16 a 30;

2) Estudar a possibilidade de realizar este Acampamento na Missão da Namba;

3) Que a inscrição seja de 200\$00;

4) Que as despesas de transporte por via normal fiquem a cargo de cada participante, desde que não excedam 180\$00;

5) Estes arranjos financeiros, bem como o direito a alojamento e comida, só se aplicam a quem participe desde o primeiro até ao último dia do Acampamento.

Acampamentos de M. V. para Africanos

Votado recomendar aos diferentes campos missionários a realização de acampamentos para africanos dos 12 aos 20 anos, durante dez dias nas férias grandes, sendo o custo de participação 60\$00.

Cursos de Educação Doméstica

Em cada um dos Campos Missionários da União deve ser organizado pelo menos um Curso de Educação Doméstica com a duração de um mês. Dentro em breve contaremos ter, para esse efeito, um caderno no formato dos anteriores, intitulado «Confecção de Roupas».